



**Reflexões da crítica pós-colonial e a América Latina:
A proposta de pensamento comunicacional de Eliseo Verón¹**

Celso Francisco GAYOSO²

RESUMO

Este artigo propõe uma reflexão acerca da crítica colonial e sua articulação na perspectiva de existência de outros modos de racionalidade na América Latina, com base empírica para a formulação de uma corrente teórica chamada pensamento latino-americano em Comunicação. Neste sentido, a ênfase dada é para o autor argentino Eliseo Verón que reflete criticamente sobre a ditadura científica, em especial ao funcionalismo norte-americano e propõe a sistematização de um pensamento próprio a partir da realidade da América Latina.

PALAVRAS-CHAVE: pensamento latino-americano; crítica pós-colonial, epistemologia.

Na contemporaneidade, um dos mais importantes fatos acerca da “geografia” proposta por autores como Lyotard, Jameson e Bauman, é que o mundo está se tornando pós-colonial. Isso significa que o mapa político do imperialismo e da colonização ao redor do mundo está em processo de (re)configuração. Não se pode afirmar que o mundo superou o colonialismo, mas é possível dizer que o mundo tem presenciado o desarranjo dos impérios tradicionais.

¹ Trabalho apresentado no III Colóquio Brasil-Argentina de Ciências da Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutorando em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Mestre em Estudos de Linguagem pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Possui graduação em Comunicação Social - habilitação em Jornalismo. É professor do tronco teórico do curso de Jornalismo e ministra as disciplinas de Teoria da Comunicação, Pesquisa e Metodologia em Comunicação e disciplinas afins. Tem como pesquisa a linha de arte, comunicação, cultura e contemporaneidade.



Esses espaços, que estão em processo de reconfiguração, são espaços físicos e imaginários nos quais diferentes vozes convergem e podem ser vistas como pós-coloniais no sentido de romper com as rígidas fronteiras de categorias discursivas como nacionalidade, gênero e raça. Esse rompimento produz uma mudança estrutural no modo de sistematização das categorias de análise da sociedade que são refletidas no discurso científico e provocam algumas rupturas epistemológicas. A crítica pós-colonial *per se* já configura-se como uma ruptura epistemológica, ao promover uma reflexão e mudança no plano do conhecimento.

A chamada crítica pós-colonial, ou os estudos pós-coloniais, apresentam-se na academia internacional como um conjunto de estratégias interpretativas voltadas para a rica diversidade de práticas culturais que caracterizam as sociedades colonizadas ou egressas da colonização europeia, servem de panorama para a discussão dessas rupturas e novos modos de pensamento que compreendem o momento inicial da colonização, no alvorecer da modernidade, com a expansão marítima europeia, até o presente.

A partir de uma localização histórica, a crítica pós-colonial problematiza o processo histórico da colonização empreendida pela Europa nos demais continentes e efetua a leitura desconstrutora de textos colonialistas de diversas ordens (históricos, literários, científicos, filosóficos, etc.), neles destacando as representações europeias a respeito dos nativos nas/das colônias e a conseqüente fabricação do "sujeito" colonial.

Sendo assim, a crítica pós-colonial examina a produção de contra-discursos também de diversas ordens que expressam projetos de resistência do colonizado e suas estratégias de revide na árdua luta pela autonomia. Para este trabalho, entendemos a produção científica de Elisa Verón, no campo da Comunicação como a sistematização de um conhecimento produzido na América Latina, um modo de pensamento que luta pela institucionalização de um pensamento próprio.

Para refletirmos sobre as alterações epistemológicas provocadas por este novo momento, faz-se antes necessário conceituarmos o que é (ou o que pode ser) o pós-colonialismo. Ao fazermos uma leitura panorâmica de alguns autores categorizados como pós-coloniais – Spivak, Said, Appiah, Bhaba, entre outros; podemos dizer que, grosso modo, trata-se de um conjunto de correntes teóricas e analíticas, de forte influência dos Estudos Culturais, que procuram questionar teórica e politicamente as



relações desiguais entre o Oriente e o Ocidente, como também, entre o Norte industrializado e o Sul subdesenvolvido³.

Neste sentido, é imprescindível pensar que as relações de desigualdade estabelecidas entre Norte e Sul (como também entre Oriente e Ocidente) são constituídas historicamente pelo colonialismo, e que o “fim” do colonialismo enquanto prática política não foi suficiente para superar o colonialismo enquanto prática social e cultural. Porém, ao que se percebe, o termo pós-colonial carrega em si uma série de questionamentos que não precisam em muito sua definição. Uma das primeiras acepções do pós-colonial refere-se às discussões travadas acerca do processo como uma marca temporal estabelecida no momento posterior ao que se convencionou chamar de “fim” do colonialismo.

Stuart Hall em seu artigo *Quando foi o pós-colonial?*, cita as autoras Ella Shohat e Anne McClintock que criticam essa ênfase temporal dada ao termo pós-colonial. “Para ambas, o conceito é utilizado para marcar o fechamento final de um período histórico, como se o colonialismo e seus efeitos estivessem definitivamente terminado.” (HALL, 2006:96). Contudo, como aponta Shohat, existe uma ambiguidade subjacente ao conceito uma vez que não fica estabelecido em algumas definições se a “periodização é epistemológica ou cronológica”. O autor Arif Dirlik (1997) aponta alguns dos usos possíveis do termo pós-colonial, que ao que parece não respondem necessariamente ao questionamento de Shohat quanto ao modo de periodização, mas pode ser interpretado como uma periodização epistemológica e cronológica.

Dirlik (1997) aponta que o uso e difusão do termo pós-colonial dentro do espaço acadêmico se deu a partir de meados da década de 1980 e serviu como vinculador ao grupo de intelectuais acadêmicos dos países classificados como Terceiro Mundo. A emergência do pós-colonial, de certo modo, fez-se como forma de superar essa classificação das sociedades do mundo moderno entre Primeiro, Segundo e Terceiro Mundo. Dirlik aponta alguns dos usos possíveis do termo: descrição literal de condições em ex-sociedades coloniais, caso em que o termo tem referenciais concretos como, por exemplo, em sociedades pós-coloniais ou intelectuais pós-coloniais; descrição de uma condição global após um período de colonialismo, caso em que o uso é de certa forma

³ As categorizações Norte *industrializado*, bem como por conseguinte, Sul *subdesenvolvido* já evidenciam um modo de classificação destes países, que os estudos pós-coloniais tentam superar pois discursivamente estabelecem uma hierarquização; porém para este momento utilizarei esses adjetivos para denotar o ponto de partida das discussões pós-coloniais.



mais abstrato e menos concreto quanto à referência, comparável na sua imprecisão ao termo anterior Terceiro Mundo, o qual pretende substituir e descrição de um discurso sobre as condições acima mencionadas, inspirado pelas orientações epistemológicas e psíquicas que são produtor dessas condições.

A partir das reflexões de Dirlik (1997) já é possível vislumbrar se não uma definição, ao menos, uma delimitação do campo de atuação e aplicabilidade do pós-colonial numa tríade. Dentre os usos é possível perceber o esforço por superar a categorização dos mundos por nomenclaturas ordinais e a invalidez dessa categorização face às novas configurações do espaço global: enquanto conceito, em constante discussão; enquanto postura de investigação que luta por uma institucionalização e enquanto situação que caracteriza um momento histórico concebido como pós-moderno das localidades em questão.

Ao estabelecer um paralelo entre a questão pós-colonial e o momento dito pós-moderno, Boaventura (2002) afirma que é justamente no plano epistemológico que o colonialismo assume maior centralidade na concepção de pós-moderno. O autor utiliza a distinção que faz entre dois tipos de conhecimento que se aplicam a esta momento: o conhecimento-regulação, que neste caso, pode ser compreendido como um conhecimento construído a partir da ignorância como caos e o saber como ordem; e o conhecimento-emancipação, construído para Boaventura, a partir da ignorância como colonialismo e o saber como solidariedade que identifica-se com o pensamento de fronteira de Walter Mignolo (2003).

Para este artigo utilizo o conceito de epistemologia de fronteira ou “pensamento de fronteira”, de Mignolo (2003) para caracterizar a perspectiva emancipatória do pensamento de Eliseo Verón. Mignolo, concebe a epistemologia de fronteira como um argumento para a diversidade geopolítica que surge a partir das perspectivas subalternas e também como uma forma de pesquisa viva, uma leitura que acontece a partir do exterior, no interior e no avesso limites (MIGNOLO, 2003). A epistemologia de fronteira aponta para um tipo diferente de poder, múltiplo, em grande parte transdisciplinar e significativamente "aberto", uma vez que o objetivo é o de manufacturar novas formas de análise, não só contribuir para sistemas de pensamento estabelecidos. O conceito de epistemologia de fronteira de Mignolo, proveniente em parte da noção de "teorização bárbara", de Ribeiro (1971), surge das condições de se teorizar a partir da fronteira e é, sem dúvida, uma teoria dos subalternos, mas não



apenas para os subalternos; a teorização subalterna é para todo o mundo (MIGNOLO, 1998).

Logo, o aparecimento da epistemologia de fronteira auxilia no surgimento de novos entre-lugares para se pensar discursos, disciplinas e diálogos. A epistemologia de fronteira, como uma atividade de descolonização do conhecimento situado nos subalternos, incentiva o desenvolvimento de um "outro pensamento", deslocando os binários eu/outro e centro/periferia, e provocando um deslocamento de rígidas noções de expectativa, análise de imagens, modos de ver, questões de posicionalidade, epistemologia, poder, identidade, subjetividade, agência e vida cotidiana.

No entendimento de Mignolo, os espaços de fronteira sustentam e nutrem o exercício epistemológico dos subalternos de auto-negação, ao mesmo tempo em que lhes permitem a experiência da inalterabilidade identitária, o que foi negado pelas epistemologias hegemônicas (MIGNOLO, 1998, p. 39). A propagação das margens, produzida por e como um efeito direto do pós-modernismo, fragmentou a noção de centro como um eixo consistente de controle e estimulou a um contínuo deslizamento de estruturas binárias estáticas.

A constituição do pensamento latino-americano em comunicação foi fruto de uma resposta às imposições de um modo de produção do conhecimento científico norte-americano. A sistematização do pensamento comunicacional na América Latina foi, e ainda é, fruto do trabalho de inúmeros pesquisadores que aspiravam constituir um pensamento localizado, que atendessem às dinâmicas e práticas comunicacionais latino-americanas, uma vez que o modelo difusionista apresentava inúmeras falhas, inclusive identificadas pelos próprios autores deste modelo.

Em 1962, Everett Rogers publicou *The Diffusion of Innovations*, que hipoteticamente tornou-se uma das bases teóricas que viriam a consolidar o modelo difusionista da comunicação. Posteriormente, Rogers foi revisando o difusionismo, tornando-se crítico de alguns de seus aspectos. Em 1982, o autor propõe uma “pesquisa crítica” à “pesquisa empírica” a fim de integrar em seu quadro de análise a questão do contexto da comunicação, os aspectos éticos do processo e métodos mais plurais (MATTELART: 1999). Estes aspectos contextuais identificados por Rogers parecem ser os elementos distintivos do processo comunicativo, podendo ser interpretado como o momento de emergência do pensamento latino-americano. Mas voltemos aos aspectos deste primeiro momento das pesquisas em Comunicação na América Latina.



O modelo difusionista propunha um mecanicismo do processo informacional que deixava em segundo plano toda estrutura cognitiva pré-existente do receptor, considerando que o processo de adoção de novos conhecimentos se daria de forma automática. Esta proposta de modelo de comunicação, antes de mais nada, era uma tentativa de solução à problemática imposta pelo processo de modernização que encontrava alguns impeditivos, principalmente nos países subdesenvolvidos, herdeiros do processo de colonização.

A emergência desta escola latino-americana incentivou, na história das teorias da Comunicação, a passagem dos estudos dos meios para o campo da recepção, o que atribuiu à América Latina um espaço privilegiado nas pesquisas de interface entre Comunicação e Cultura. O desvio de rota para o campo da recepção resultou, principalmente a partir dos anos 1980, a modulação de um pensamento comunicacional que atribui a produção de sentido não às estruturas já dadas, mas ao processo do qual o receptor faz parte necessariamente e simultaneamente como produtor de informações. Porém, estabelecer como um modelo de pensamento hegemônico, talvez não seja o propósito dos pensadores latino-americanos, mas ao menos, a ocupação de um espaço significativo nas pesquisas em Comunicação.

A utilização de elementos próprios da realidade na América Latina e a tentativa de criação de um modo de pensamento distinto podem aqui ser considerados como os fatores para classificar essa “escola” de pensamento própria do momento pós-colonial. O desafio como o apresentado por Said acerca do orientalismo está em “uma necessidade maior de cruzar fronteiras, de maior intencionismo em atividades interdisciplinares, uma concentrada consciência da situação – na qual se realiza o trabalho cultural e intelectual”(SAID *apud* HOLLANDA, 1991:272). É a partir dessas recomendações de Said que encontramos a obra de Elíseo Verón no projeto de criar uma sistematização do saber comunicativo a partir das realidades social, cultural e econômica latino-americanas, marcadas pela herança colonial dos impérios absolutistas (Portugal, Inglaterra e Espanha) e posteriormente pela dependência cultural do desenvolvimentismo norte-americano.

A imperatividade no campo do saber exercida pelos Estados Unidos expandiu para todos os estratos da produção subjetiva da América Latina, os pensadores críticos definiram esse modelo como de dependência, de neocolonialismo e de imperialismo; a utilização do termo dependia da corrente de pensamento e do posicionamento político,



mas a crítica era a um mesmo sistema, e o propósito era o mesmo, tentar superar essa condição. Foi apenas a partir das décadas de 1950 e 1960 que os países latino-americanos puderam começar a desenvolver essa resistência, através da instituição das universidades públicas, espaços de discussão.

De acordo com Gushiken (2009), no caso da Comunicação, houve uma forte influência da sociologia funcionalista norte-americana, a hegemonia foi muito intensa e afetou significativamente a pesquisa em Comunicação na região. Até 1970, o CIESPAL (Centro Internacional para Estudos de Periodismo da América Latina) foi a instituição responsável pela sistematização de práticas e métodos de estudo em Comunicação, que calcavam-se na aplicação dos modelos comunicacionais dos funcionalistas Harold Lasswell, Willbur Schramm e Paul Lazarsfeld.

Porém, um grupo de pensadores composto por Eliseo Verón, Antonio Pasquali e Armand Mattelart foi responsável pela difusão de práticas e modelos teóricos para os estudos em comunicação que se tornariam os paradigmas do pensamento e pesquisa em Comunicação na América Latina.

O PENSAMENTO DE ELISEO VERÓN: UMA PROPOSTA DE CRÍTICA PÓS-COLONIAL

Eliseo Verón (1934-) é um pesquisador argentino de formação sociológica e filosófica, mas que escolheu os processos comunicativos como objeto de pesquisa. Seus estudos versam sobre a ideologia aplicada à sociologia para a análise da comunicação e, da preocupação pela interpretação ideológica dos meios, passa a buscar uma síntese teórica entre psicanálise e marxismo. Verón, que inicialmente estuda a comunicação ligada a fatores políticos, dedica-se ultimamente ao estudo dos discursos sociais nos meios de comunicação: imprensa, rádio e televisão. Eliseo Verón representa um pensamento inovador em comunicação na América Latina, caracterizado pelo ecletismo por atuar em diferentes campos, e pela polêmica por buscar um novo rumo para as ciências sociais e criticar idéias sólidas.

Sua relevância para este trabalho deve-se à sua postura inovadora no sentido de sistematizar os estudos em Comunicação a partir da década de 1960 na América Latina, que pode aqui ser compreendida como uma proposta de estudo pós-colonial, pois busca a institucionalização de um modo de pensamento acerca do processo comunicativo



calcado nas especificidades e peculiaridades do modo de produção de sentido da América Latina, tida como composta por países do Terceiro Mundo, herdeira colonial dos absolutismos europeus, e posteriormente colonizada técnica e cientificamente pelo pensamento funcionalista norte-americano, como projeto de desenvolvimento imperativo pela Unesco, no plano comunicativo. É possível inferir a intenção do trabalho de Verón a partir do que diz Dirlik acerca do pós-colonialismo.

Para Dirlik (1997:8) o pós-colonialismo reivindica o campo temático que antes se designava de Terceiro Mundo. Essa superação seria construída com a negação das distinções binárias do tipo centro-periferia e outros binarismos fundamentais ao pensamento ocidental. As oposições binárias seriam formas explicitamente colonialistas de pensar e, portanto, a crítica pós-colonial deveria superar o binarismo para produzir um modo de pensamento próprio. Dirlik reforça o lugar que os teóricos têm na divulgação da teoria pós-colonial. Mais do que o valor das teorias, é o sucesso de seus formuladores que insere o pós-colonial na agenda de pesquisa recente. Apesar de não se intitular como um autor pós-colonial, e ser anterior ao uso do termo, Eliseo Verón atende às características aventadas por Dirlik acerca dos pensadores da teoria pós-colonial.

A base de sua formulação teórica tem fortes influências marxista e psicanalítica nos estudos sociológicos aplicados à Comunicação. Segundo Verón (1995), a economia política marxista trata do trabalho, dinheiro e dos bens materiais consumidos diariamente; já a contribuição psicanalítica de Freud dava-se em virtudes de seus estudos da conduta, dos atos *malogrados* e dos nossos sonhos. Sendo assim, de acordo com o autor, essas seriam as bases comuns a todas as esferas da sociedade sobre as quais, as inovações teóricas poderiam transitar. Colocar em evidência a produção de várias esferas da sociedade é dar voz a grupos subalternos, antes não representados, nem inseridos como objetos de pesquisa, ou se inseridos, entendidos apenas como exóticos como foi o caso da sociologia moderna e antropologia clássica, ao estudar as sociedades latino-americanas.

Eliseo Verón ao propor a institucionalizar de um pensamento comunicacional latino-americano, pôs em prática uma dos anseios da crítica pós-colonial. O pós-colonialismo surgiu também como uma exigência de lugar para a fala, de uma preocupação de fazer valer a voz dos indivíduos de fora do primeiro mundo. Uma luta por representação e por espaços nos lugares centrais da academia. Nesta exigência da



fala, alguns intelectuais, mais ligados a alguns países específicos (como Índia, por exemplo) passaram a falar não em nome das pós-colônias localizáveis espacial e temporalmente, mas em nome de todos que viviam uma “situação pós-colonial”. A situação pós-colonial, portanto, não seria restrita aos países específicos que o termo conota, mas a populações por todo o mundo que convivem com situações análogas, chamadas todas de “pós-coloniais”.

A pesquisa empírica estava sob domínio exclusivo do funcionalismo norte-americano. Era comum qualificar toda proposta de trabalho empírico como empirismo e o uso de técnicas estatísticas como desvio quantitativo. Deste modo, o pensamento crítico renunciou a abordagem detalhada, sistemática, concreta dos processos e fenômenos reais. O mérito de Verón deve-se pela incorporação, na prática de investigação, a profunda vinculação que deve ter a produção de teorias com a pesquisa empírica e nesse fluxo já se delineava um conjunto de questionamentos muito próprios da região, configurando assim, os primeiros passos para o pensamento latino-americano em comunicação.

Entre os anos de 1960 e 1980, a América Latina foi predominantemente governada por regime ditatoriais, que por sua vez representavam os interesses bélicos do complexo militar e industrial dos Estados Unidos. Neste sentido, é possível compreender como a influência sociológica do funcionalismo norte-americano foi preponderante nas pesquisas dos países latino-americanos. Os governos militares tiveram que tornar funcionais os intelectuais formados na concepção de sociedade estadunidense para montar projetos políticos de reforma agrária, controle populacional, reconstrução urbana e sobretudo, modelos comunicacionais de desenvolvimento.

O modelo funcionalista norte-americano pode ser pensado como um imperativo, e também, uma prática colonialista. Ao se impor como ordem vigente e estabelecer um conjunto de métodos e práticas que deveriam ser aplicados juntos aos países deficitários tecnologicamente, que de certo modo, nessa visão não seriam capazes de produzir técnicas e métodos eficazes para seu desenvolvimento, lembrando que a ideia de desenvolvimento também é um conceito extremamente colonialista pois considera uma país desenvolvido a partir de categorias próprias do país hegemônico. Não muito diferente do colonialismo clássico, esse “colonialismo técnico-científico” utilizou-se de mão de obra latino-americano para pôr em prática seus ideais científicos, e através dos organismos de financiamento a pesquisa determinaram os assuntos a



serem tratados dentro do espaço acadêmico latino-americano. De acordo com Verón, no âmbito da Comunicação, os projetos internacionais exerceram uma espécie de “contaminação”⁴, especialmente por intermédios de professores universitários contratados como pesquisadores pelos centros norte-americanos.

Mas assim como defendia Eliseo Verón, dentro da realidade latino-americana é possível encontrar outros autores responsáveis por essa emergência do pensamento latino-americano em comunicação que se adequam a um dos propósitos da crítica pós-colonial dar evidência aos processos comunicativos populares, promover a discussão da troca simbólica entre os meios de comunicação massivos e a prática simbólica da comunicação. Essa preocupação não só superou o funcionalismo norte-americano, como também, epistemologicamente significou a mudança de um paradigma científico em comunicação, o da predominância da ênfase no produtor de sentido, na concepção da comunicação de massa, compreendido como os meios de comunicação, capazes de produzir mensagens e manipular seus públicos; só que na realidade latino-americana, a ênfase recai sobre o receptor que também passa a integrar o processo comunicativo com a mesma carga que os outros componentes (mensagem, meio, produtor).

Foi a partir dessa proposição metodológica, que o pensamento latino americano rompeu com o funcionalismo graças ao esforço de pensadores como: Luiz Beltrão que ao cunhar o termo folkcomunicação, atribui a mesma carga informativa dos meios de comunicação aos comunicadores populares do nordeste brasileiro; Mário Kaplún, que sob influência de Paulo Freire, desenvolve um modelo de auto-gestão popular junto aos camponeses uruguaios; Luis Beltrán que se insere junto aos pensadores funcionalistas nos Estados Unidos para evidenciar as deficiências do modelo que eles buscavam aplicar na Bolívia. Mais contemporaneamente, Jesus Martín-Barbero que a partir da Colômbia desenvolve reflexões do processo comunicativo que evidenciam a população como mediadores entre a cultura massiva e a cultura popular e Nestor García Canclini que busca interpretar as culturas latino-americanas, a partir da compreensão das lógicas das culturas populares, a recepção e o consumo de bens culturais, a hibridização que incorre do processo de globalização em contato com essas culturas, onde a modernidade parece não ter se realizado por completo. E por essa razão, singularizam o modo de

⁴ O diagnóstico de Verón acerca da hegemonia e “contaminação” do modelo funcionalista nas ciências sociais não significa que não existissem pensadores em resistência. O exemplo dessa resistência no campo das ciências sociais são: Octavio Ianni, Paulo Freire, Milton Santos, entre outros. Esses autores ofereciam reflexões acerca da problemática econômicas e socioculturais brasileiras.



produção de sentido da comunicação. Todos esses esforços parecem configurar-se como proposições próprias da crítica pós-colonial.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DE LA TORRE, A. E. M. G. (2001) **Teorias da comunicação na América Latina: enfoques, encontros e apropriações de Verón**. São Leopoldo: Editora Unisinos.
- DIRLIK, A.(1997) **A aura pós-colonial na era do capitalismo global**. *Novos Estudos Cebrap*, no. 49, p. 7-32.
- GUSHIKEN, Y. (2009). **Estudos em comunicação e a formação do mundo contemporâneo**. São Paulo: II Colóquio Binacional Brasil-México de Ciências da Comunicação.
- LATOUCHE, S. (1996). **A ocidentalização do mundo**. Petrópolis: Vozes.
- MARQUES DE MELO, J. (1996). **O pensamento latino-americano em comunicação**. Comunicação & Sociedade, 15. São Bernardo do Campo: UMESP.
- MARQUES DE MELO, J. (2008). **História Política das Ciências da Comunicação**. Rio de Janeiro: Mauad X.
- MATTELART, A. (1999). **Comunicação-mundo: história das idéias e das estratégias**. Petrópolis: Editora Vozes.



- MIGNOLO, W. (1997). **La razón postcolonial: herencias coloniales y teorías postcoloniales**. In: TORO, A. (ed.) Postmodernidad y postcolonialidad: breves reflexiones sobre Latinoamérica. Vervuert: Iberoamericana.
- MIGNOLO, W. (1998) **Globalization, civilization processes, and the relocation of language and culture**. In Frederic Jameson; Masao Myoshi (Orgs.). **The culture of globalization**. Durham: Duke University Press. p. 32-53.
- MIGNOLO, W. (2003) **Histórias locais, projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar**. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- QUIJANO, A. (2007). **Colonialidad del poder y clasificación social**. In: CASTRO-GÓMEZ & GROSFUGUEL. El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica mas allá del capitalismo global. Bogotá: Siglo del Hombre Editores.
- RIBEIRO, Darcy. (1971) **O processo civilizatório: Etapas da Evolução Sócio-Cultural**. 10º ed., Petrópolis: Vozes.
- SAID, E. (1991). **O orientalismo revisitado**. In: HOLLANDA, H. B. Pós-modernismo e política. Rio de Janeiro: Editora Rocco.
- SANTOS, B. S. (2002). **A globalização e as ciências sociais**. São Paulo: Cortez.
- VERON, E. (1976) **Ideologia, estrutura, comunicação**. São Paulo: Cultrix.